

***Da Língua Ao Trans-Linguajamento:  
Uma Re-leitura<sup>1</sup> Outra a partir da Obra Buraquinhos ou o Vento é Inimigo do  
Picumã<sup>2</sup>***

Luã Armando de Oliveira Silva<sup>3</sup>

Edgar César Nolasco<sup>4</sup>

## **INTRODUÇÃO**

O presente estudo que aqui se desvela faz parte do ir e vir de conhecimentos arrolados na disciplina de Estudos de Linguagens no curso de Doutorado do PPGEL (Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens) da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) ministrado pela professora Doutora Rosana Zanelatto. Não obstante, acreditamos que o termo cartesiano hermenêutico eurocentrado “disciplina” não expressa o desprendimento que causou em nós, discentes. Desta feita, optamos pelo termo “desencontros”, no plural, na tentativa de nos aproximarmos dos desprendimentos epistemológicos, éticos e estéticos outros que nos foram brindados *a partir de* nós mesmos atravessados pela professora supracitada e não *sobre* outrem.

Neste momento, peço licença para situar este trabalho oriundo de uma Universidade e um estado fronteiriços. Como nenhuma ideia emerge no vácuo, continuo. Nosso des-pensar se delineia a partir da fronteira-Sul, nosso biolocus geoistórico e epistemológico e propõe estabelecer uma teorização *outra* crivada à luz da noção da desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2010) a partir da obra *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* (2018) do escritor-dramaturgo Jhonny Salaberg (2018). Salaberg e eu somos sujeitos que teorizamos *a partir do* e para o “Terceiro Mundo” como descrito por Nolasco (2022) em o *teorizador vira-lata*. Meu “Terceiro Mundo” é erigido pela minha fronteira-Sul.

---

<sup>1</sup> MIGNOLO & TLOSTANOVA. “Learning to unlearn: decolonial reflections from eurasia and the Americas”, 2012. Opto pelo prefixo “re” com hífen sustentado pela fórmula de Mignolo & Tlostanova (2012) que se configura em “aprender a desaprender para assim re-aprender”. Logo, re-leitura diferentemente de releitura sem hífen denota o processo de desprendimento demonstrado pelos autores acima, desvelando-se em ler para des-ler para assim re-ler.

<sup>2</sup> No momento, o estofo teórico deste artigo faz parte de minha pesquisa de Doutorado.

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0002-2791-6161. Professor do curso de Pedagogia na Faculdade Insted. Coordenador da Especialização em Educação Bilíngue na Faculdade Insted. E-mail: luaarmando.linguistica@gmail.com.

<sup>4</sup> Professor na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X. E-mail: ecnolasco@uoul.com.br.

[...] ele pensa a partir do lugar chamado de fronteira-sul, porque tem consciência de que só pode pensar melhor a partir de seu biolocus quando este está na base de sua argumentação e de seu discurso, e porque ele sabe que engastar seu modo de pensar a partir desse lugar revoltoso e fronteiriço é a única forma de assegurar a presença de suas sensibilidades biográficas e locais [...] (NOLASCO, 2022, p. 36).

Havendo situado este trabalho desobediente epistemologicamente, evoco nosso aliado Derrida que nos ajudará a esboçar um preâmbulo no que tange à problemática da língua sobre a qual se debruça este trabalho. Para tanto, faremos uso de dois livros *Força de Lei*<sup>5</sup> (2007) e *Torre de Babel*<sup>6</sup>(2006). Em ambas obras, Derrida nos provoca acerca de uma questão de cunho linguístico-filosófica. Na primeira, o filósofo indaga-se se a tradução da palavra alemã *gewalt* é realmente violência em português. Já, no segundo livro, Derrida discorre acerca da tradução do termo Babel.

Fica nítido inferir que Derrida descortina a falha, a fissura que há na moderna e sorridente tradução. A escolha por uma língua ou outra já é um pacto com Deus ou o Demônio, uma vez que não há neutralidade, mas, sim, uma lógica global que narcotiza linguajares, dialetos, variedades ao mesmo tempo em que legitima as línguas imperiais<sup>7</sup> como inglês, espanhol, português, francês, alemão e italiano.

Assim sendo, voltamo-nos ao questionamento que serve como fio condutor desta pesquisa. Por que Jhonny Salaberg alterna seu texto ora em espanhol, ora em português, ora em crioulo? Buscando investigar tal direcionamento apresentado pelo autor, passamos, a seguir, à literatura elencada que servirá de aporte teórico para a análise da obra.

## REVISÃO DE LITERATURA

A epistemologia referida está alicerçada não apenas no conceito de linguajamento, mas também no compromisso teórico que o próprio linguajamento evoca. Assim, ao me dirigir ao encontro desse, busco pelas rachaduras dos projetos globais as histórias, línguas locais que insurgem pela política ou pela (des)política. É isso que interessa a nós e a este trabalho. A língua pré-concebida como um sistema de regras sintáticas, fonéticas e semânticas com seus signos determinados é, ao nosso ver, a face estrutural, hierarquizante e, portanto, moderna da língua<sup>8</sup>. Nesse sentido, a questão elucidada aqui é política e não gramatical no que tange às assimetrias das línguas originadas e mantidas a duras penas pela colonialidade de poder, saber e ser que emergem de tempos em tempos na boca do sujeito como aftas coloniais<sup>9</sup>. O linguajamento e seu teorizador assumem uma nova dimensão para além do

---

<sup>5</sup> DERRIDA. “Força de lei - o “fundamento místico da autoridade”, 2007.

<sup>6</sup> DERRIDA. “Torre de Babel”, 2002.

<sup>7</sup> MIGNOLO. “Histórias locais/projetos globais”, p. 200.

<sup>8</sup> MIGNOLO. “Histórias locais/projetos globais”, p. 309.

<sup>9</sup> SILVA. “Silviano Santiago: grafias-de-vida”, p. 289.

linguístico, mas voltado para raça, sexo, gênero, etnia, cultura e, sobretudo, condição humana da exterioridade.

O conceito de *trans*-linguajamento sobre o qual viemos lutando e defendendo, é o imbricamento e a extensão, ao mesmo tempo, de dois outros conceitos, a saber, plurilinguajamento de Mignolo (2003) e transmodernidade de Dussel (2002). De forma didática, explanarei, a seguir, cada conceito citado para que, assim, retorne à definição de *trans*-linguajamento. Começo pelo conceito-chave de plurilinguajamento.

Para Mignolo, pensar e escrever entre línguas se define como o ato de linguajamento, também chamado de bilinguajamento ou pluringuajamento. Concebo o bi/plurilinguajamento como o (des)fronteirizar de línguas e, por conseguinte, seus pensamentos. Esse (des)fronteirizar incidirá exatamente na academia que tenta a todo custo gramatizar o que não tem regra e traduzir o intraduzível.

[...] o linguajamento é o momento no qual uma “língua viva” (como diz Anzaldúa) se descreve como um estilo de vida (“un modo de vivir”) na intersecção de duas (ou mais) línguas. Nesse ponto tornam-se evidentes as diferenças entre o bilíngue e o bilinguismo, entre política linguística e linguajamento: o bilinguismo não é um estilo de vida, mas uma habilidade. (MIGNOLO, 2003, p. 358-359)

A própria palavra *bilinguajamento* denuncia o seu propósito político. Se tirarmos os afixos, temos a palavra linguajar que, segundo o dicionário de língua portuguesa Priberam, significa “*modo de falar característico de um indivíduo ou de um grupo*”<sup>10</sup>. Por conseguinte, entendo que Mignolo, utilizando-se dessa palavra, procurou corporificar as questões sociais, políticas, culturais e estéticas à noção de bilinguismo, refutando, assim, a ideia reducionista e moderna da língua como um conjunto de regras, desprendida da interação social, a prática cultural e a luta pelo poder.

Assim como Anzaldúa, vivemos-entre-línguas<sup>11</sup> na fronteira-sul. Nossa fronteira é caracterizada pelas sensibilidades geoistóricas brasileiras, bolivianas e paraguaias. No lócus mais ao norte, bolivianos e brasileiros convivem com uma pluriversalidade de línguas: português brasileiro, português brasileiro de Mato Grosso do Sul, português brasileiro de Mato Grosso do Sul corumbaense, espanhol hispânico, espanhol boliviano de Puerto Quijaro, quíchua, aimará, guarani e português. Mais ao sul, paraguaios e brasileiros (con)vivem com o português brasileiro, o português brasileiro do Mato Grosso do Sul, o espanhol hispânico, o espanhol paraguaio, o guarani e o portunhol. Tanto na região fronteira mais ao norte, quanto

---

<sup>10</sup> LINGUAJAR. In: PRIBERAM, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/linguajar/>>. Acesso em: 05/07/2023.

<sup>11</sup> MOLLOY. “Viver entre Línguas”, 2018

ao sul, há a insurgência do portunhol<sup>12</sup>. Esse linguajar que Anzaldúa (2007) chamaria de *bívido* se reverbera pela mestiçagem linguística do português, do espanhol e do guarani. A lacuna, a falta que se abre sob a fenda colonial na qual ambas línguas não conseguem suprir a necessidade de seus falantes fronteiriços é preenchida pelo plurilinguajamento portunhol.

Na esteira do pensamento do plurilinguajamento, passo, agora, à diferenciação de conceitos entre plurilinguajamento e bilinguismo/bilingualismo como já introduzido por Mignolo na citação anterior. Compreendo que há uma diferença substancial entre os termos bilinguismo e bilinguajamento. Enquanto que bilinguismo se relaciona a uma habilidade, competência em falar duas línguas, o bilinguajamento é um estilo de vida dentro de línguas num mundo transnacional. Ainda que sejam relacionados ao fato de falar mais de uma língua, um não se configura como sinônimo do outro. O bilinguajamento está assentado por um viés mais social sobre o que é falar duas línguas, já que não há como não concatenar *estilo de vida* e *mundo transnacional* a uma questão sociocultural e, portanto, política.

Após haver dissertado acerca do conceito de plurilinguajamento que legitima a opacidade das fronteiras de línguas (se algum dia realmente existiram), discorro acerca de minha opção pelo prefixo *trans-* que fora adicionado ao conceito de linguajamento.

Com o prefixo *trans-*, quero indicar algo para-além das línguas e literaturas nacionais e dos estudos comparativistas que pressupõem as línguas e suas literaturas. E é justamente por essa razão descolonizante que insisto na ideia do prefixo *trans-* que, de acordo com o Dicionário On-line de Português<sup>13</sup>, indica através, além de. Essa teimosia nos leva ao segundo conceito de transmodernidade de Dussel (2002).

A respeito do conceito de transmodernidade,

A transmodernidade indica todos os aspectos que se situam para além (e também antes) das estruturas valorizadas pela cultura moderna europeu-norte-americana, e que vigoram atualmente nas grandes culturas universais não europeias que se põem em marcha uma utopia pluriversal. (DUSSEL, 2015, p. 378).

Ao imperializar línguas, povos, culturas, epistemologias e direitos, a modernidade deixou e continua deixando huecos por onde tem passado. Essas lacunas, “falhas” se configuram, na verdade, em uma vantagem colonial que detêm as culturas encobertas pelo manto espesso e escuro da modernidade/colonialidade. Isso significa afirmar que a

<sup>12</sup> Segundo Diegues (2008), grosso modo, o portunhol selvagem é mescla do português, espanhol e guarani. Indo mais além, o portuñol salvaje, portuñol selvático, transportuñol borracho se define como um conjunto de variantes linguísticas distintas e, concomitantemente, um projeto poético, ético, estético e político completamente diferente que se materializa em cada obra publicada sob sua rubrica.

<sup>13</sup> TRANS. In: DICIO, *Dicionário Online de Português*, 2023. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/trans/>>. Acesso em: 05/07/2023.

modernidade cavou sua própria cova ao passo que ela mesma insistiu e resistiu as línguas e culturas periféricas.

Daí que uma futura cultura trans-moderna, que assume os momentos positivos da Modernidade (mas avaliados com critérios diferentes a partir de outras culturas antigas), terá uma pluriversalidade rica e será fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deverá ter claramente em conta as assimetrias existentes. Um mundo pós-colonial e periférico, como o da Índia, em completa assimetria em relação ao centro metropolitano da era colonial, sem deixar de ser um núcleo criativo de renovação de uma cultura milenar e decisivamente distinta de qualquer outra, capaz de propor respostas inovadoras e necessárias para os desafios angustiantes que o planeta nos lança no início do século XXI.

Además, la transmodernidad indica una novidade radical que significa o surgimento – como se a partir do nada – da exterioridade, da alteridade, do sempre distinto, de culturas universais em desenvolvimento, que assumem os desafios da Modernidade e, até mesmo, da pós-modernidade euro-americana, mas que respondem a partir de outro lugar, other location (Dussel, 2002), do ponto de sua própria experiência cultural, diferente da euro-americana, por lo tanto, capaz de responder com soluções completamente impossíveis para a cultura moderna única. Como vazios, buracos causados pela modernidade, entendo que o conceito da transmodernidade emerge da frecha, fenda, grieta e fissura causada pelo projeto euro-norte-americano global.

Assim, de forma resumida, a transmodernidade indica todos os aspectos que se situam para-além (e também, cronologicamente, “anteriores”) das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, e que atualmente estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias e foram se movendo em direção a uma utopia pluriversal.

Assim, para nosso aliado Dussel, o trans-moderno deve criticar sua própria cultura utilizando elementos dessa e da modernidade – tomando a racionalidade de cada uma; Portanto, é preciso situar-se entre duas culturas – a moderna e a sua -, vislumbrando já um terceiro momento. Esta crítica estabelece-se primeiro com um diálogo Sul-Sul (a periferia, ou seja, Ásia, África e América Latina) para depois proceder a um diálogo Sul-Norte (a periferia e o centro euro-americano).

Assim, havendo explanado acerca dos conceitos-chave supracitados, voltamo-nos ao conceito cunhado por mim de *trans*-linguajamento. O *trans*-linguajamento se configura na convivialidade de línguas imperialistas com inglês, espanhol, português, mas, também, em línguas não apreendidas como língua a pensar no portunhol, no portuglês, spainglish, isto é, nas línguas insurgentes que emergem da fenda, das grietas da própria Modernidade. Ou seja, o

*trans*-linguajamento tem como comprometimento pensar como língua o que a Modernidade não deu conta de suprir e ainda rebaixa como dialeto, patoá, criolismo. Falares outros que não estão na agenda linguístico moderno/colonial.

Nesse imbricamento de linguajares do qual (des)pensamos as línguas de nosso ser latino, resta-nos, bilinguajar sobre nosso *bios* e nosso *locus*. Só podemos exprimir nosso pensamento subalternizado por meio de nossa língua também subalternizada como o fez Anzaldúa que, ao escrever, usou espanhol, inglês e nahuatl. Por meio das três línguas, a autora vai além de teorizar sobre o bilinguajamento, ela bilinguaja em seu próprio texto. Como afirma Mignolo, *teorizar é uma forma de linguajamento, tal qual linguajamento implica sua própria teoria: teorizar línguas dentro de estruturas sociais de dominação é lidar com as condições “naturais” plurilinguais do mundo humano “artificialmente” eliminadas pela ideologia monolingual*<sup>14</sup>.

Em suma, meu compromisso é propor um imbricamento, um entrelaçamento e, conseqüentemente, o apagamento das fronteiras de línguas e culturas que nos constituem como sujeitos latino-americanos imbuídos de heterogeneidades.

## PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este capítulo busca apresentar e justificar a escolha da pesquisa de natureza qualitativa e de cunho exploratório. Assim, apresentamos os caminhos metodológicos que foram utilizados para a composição do *corpus* de análise. Por trabalhar com questões subjetivas que não podem ser contabilizadas, a base desta pesquisa é qualitativa<sup>15</sup>. Ademais, acreditamos que este estudo é também de cunho exploratório, pois, como afirma Gil (2002, p. 41), “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Diante do exposto, a pesquisa qualitativa de cunho exploratório constitui, então, a base metodológica deste estudo.

A seguir, passaremos à análise de dados.

## ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho tem por objetivo investigar como o autor faz uso de diferentes línguas para escrever seu texto. Para tanto, analisamos toda a obra *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* orientados por um viés descolonial com vistas ao *trans*-linguajamento.

---

<sup>14</sup> MIGNOLO. “Histórias locais/projetos globais”, p. 311.

<sup>15</sup> MINAYO. “Pesquisa social: teoria, método e criatividade”, 2001.

Procuro, então, compreender de que forma Salaberg constrói seu texto por meio das línguas portuguesa, crioula e espanhola para, assim, perceber quais são suas possíveis orientações linguísticas. Didaticamente, este capítulo está dividido em duas seções principais: descolonialidade e *trans*-linguajamento.

### **“Escrever teatro negro é escrever justiça”**

A fim de demonstrar o olhar descolonial consciente ou inconsciente do autor Salaberg, elucido em parágrafos as características descoloniais presentes na obra.

Em primeiro lugar, para o grupo Modernidade/Colonialidade<sup>16</sup>, é mais importante fazer descolonialidade do que teorizar descolonialidade, uma vez que teorizador deve tornar-se um ativista em seus textos. Sendo assim, fica claro a luta dos excluídos pela lógica moderna no início do livro antes mesmo de a história ser narrada. Ao analisar uma obra, não podemos deixar de começar pelo contexto socio-cultural em que ela está imersa e que pode ou não subverter a lógica que está por detrás dessa conjuntura. Assim, o contexto transgressor apresenta-se em dois movimentos claros. O primeiro se refere aos seus (des)sujeitos<sup>17</sup>, já que é de interesse dos estudos descoloniais olhar de maneira outra para aqueles que foram deixados de fora do projeto global da modernidade, ou seja, na exterioridade<sup>18</sup>. A edição do livro aqui perscrutado faz parte de uma pleiade de autores cujas temáticas têm como protagonistas transexuais e pretos. Já o segundo movimento é voltado mais para a composição da obra que pelo seu conteúdo, haja vista que o livro emerge de um projeto de Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos. Tal fato visa à fomentação desse gênero textual nos meios de produção, o que, mais uma vez, transgride a lógica moderna editorial.

Outra característica é a de falar *a partir de* e não sobre. Jhonny Salaberg não fala sobre um outro grupo, um outro povo, um outro costume. Ele fala de si mesmo. Ele é preto e sente na pele o que é ter o corpo marcado pelas cicatrizes e feridas causadas pela Modernidade/Colonialidade. Salaberg é preto, latino-americano, brasileiro, suburbano. Por esse motivo, sabe muito muito bem o que é pagar pedágio<sup>19</sup> simplesmente por ter nascido na

---

<sup>16</sup> NASCIMENTO. “Estudos culturais e estudos descoloniais: diálogos e rupturas na construção de uma pesquisa de recepção”, p. 2018. Entre os autores que integram o grupo é possível citar como referências Walter Dignolo, Enrique Dussel, Nelson Maldonado Torres, Aníbal Quijano e Ramón Grosfoguel. No feminismo descolonial, destacam-se María Lugones e Yoderkys Espinosa Miñoso.

<sup>17</sup> MIGNOLO. “Filosofia y diferencia epistémica colonial: ¿Qué es lo que convoca la praxis del pensar desobediente en la exterioridade de los universales eurocéntricos? In: FACUNDO. “Podemos pensar los no-europeos”, p. 211. O termo (des)sujeito cunhado por Mignolo faz referência ao sujeito colonial que é transformado pela liberação, tornando-se um sujeito descolonial, ou seja, um sujeito (des)sujeitado, um (des)sujeito. Grosso modo, um (des)sujeito já não é mais colonial, senão descolonial.

<sup>18</sup> MIGNOLO. “Filosofia y diferencia epistémica colonial: ¿Qué es lo que convoca la praxis del pensar desobediente en la exterioridade de los universales eurocéntricos?”, p. 300.

<sup>19</sup> ACHUGAR. “Planetas sem boca”, p. 21.

periferia Sul do mundo, longe das metrópoles do norte no eixo euro-norte-americano. Ele não fala sobre a dor do “Terceiro Mundo”, ele é do “Terceiro Mundo”.

Ainda que há muitas outras características que circunscrevem o pensamento descolonial imbuídas nessa obra, escolhi apenas duas<sup>20</sup>, pois julgo que são condições *sine quibus non* a um trabalho de desordem descolonial. Assim sendo, saliento que esta obra apresenta em seu cerne um pensamento descolonial punjante que sangra em quem escreve e em quem a lê.

**“Ela tem cabelos pretos e olhos puxados. É uma *cholita*”<sup>21</sup>”**

Indo mais além da descolonialidade já apontada na sessão anterior, investigamos, a seguir, como essa descolonialidade se apresenta na forma da língua, o que, neste trabalho, denominaremos de *trans*-linguajamento, conceito já explanado anteriormente.

Início esta sessão com o título que contempla o termo *cholita*. Minha necessidade é a mesma do autor Salaberg quando optou por deixar o vocábulo em espanhol. Haveria alguma tradução para designar esta raça? Cholita, ao nosso ver, só se pode ser sentido em espanhol. E, por esse motivo, o autor elegeu manter em língua espanhola e não introduzir uma tradução intraduzível na língua portuguesa. Além disso, o autor utiliza-se do espanhol no momento em que relata no cenário boliviano. Ora, a língua também é elemento essencial para caracterização das personagens e locais em que se passaram histórias. O autor continua.

Eu sigo sem olhar para trás, mas sei que a cholita me observa com o sorriso no rosto, feito a criança que está nos seus ombros e que, só agora, tira a cabeça do tecido para poder me ver. “*Buena suerte ave pequeña, buena suerte*” – ela disse (SALABERG, 2018, p. 48).

Assim, como apontado no excerto acima, fica claro a escolha do autor pelo *trans*-linguajamento no instante em que faz uso de uma frase em espanhol enquanto o resto do parágrafo permanece escrito em língua portuguesa. Dessa maneira, o autor acaba esmorecendo os limites - se um dia houve algum – das línguas portuguesa e espanhola, guiando o leitor a uma visada mais pluriversal sobre o que vêm a ser línguas.

¡Arre, Pepe Borracho! Escuché que el dono del bar viene para recoger su cenizas e dar de comida a su perro. Ello está furibundo por el señor ha viajado debiendo más de media vida (SALABERG, 2018, p. 53).

---

<sup>20</sup> A justificativa de eleger apenas duas deve-se às orientações previstas quanto ao número de páginas para a escrita deste artigo científico.

<sup>21</sup> As chamadas cholas bolivianas, ou apenas cholitas, são mulheres de ascendência indígena e mestiça. Disponível em < <https://exclamacion.com.br/2020/12/05/cholas-bolivianas-quem-sao-essas-mulheres/>>. Último acesso em 07 julho de 2023.

¿Podemos volver a o asunto? Ello tiene miedo (SALABERG, 2018, p. 53).

Personas, nosotros tenemos que ayudar (SALABERG, 2018, p. 53)

Para além de utilizar diversas línguas na construção de seu enredo, Salaberg parece sofrer da mesma afta colonial e expressa, grita em seu texto enquanto seu sangue latinoamericano escorre pelas páginas de seu livro. Como uma forma de tamponar a lacuna, a físsura, a rachadura, *la grieta*<sup>22</sup>, o escritor utiliza-se do portunhol para fazer insurgir seu corpo que é atravessado por falares, línguas e linguajares outros. A título de exemplificação, retomo às citações acima. Na primeira citação, percebemos uma emergência descolonial no campo lexical, uma vez que o vocábulo “dono” insurge no lugar do termo aclamado pela RAE<sup>23</sup> “dueño” em um parágrafo todo escrito em espanhol. Já na segunda citação, a desordem se dá pelo viés gramatical. Salaberg utiliza o artigo definido “o” em vez de “el”, o qual, segundo a RAE, deveria ser contraído com a preposição “a”, resultado em “al”. Na terceira citação e na sera da pragmática, o autor faz uso de uma oração que é mais utilizada no português que em espanhol, *trans*-portando, assim, uma oração muito utilizada em português para o seio da língua espanhola, *trans*-formando-a, *trans*-linguajando-a.

## CONCLUSÃO

Em suma, na tentativa de uma possível conclusão dessa reflexão na qual expusemos nossos desejos, nossas falhas, nossas indagações e nossos linguajares alicerçados aos de Salaberg com o objetivo de revelar nosso amor ao *trans*-linguajamento que se configura em um movimento em direção à descolonização das línguas e ao enfraquecimento das aftas coloniais que tanto queima em mim, nos latino-americanos, em nós. Por assim dizer, entendemos que a obra *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* cumpre seu papel descolonial no que concerne ao uso das línguas que servem de palcos da narrativa. Dessa maneira, finalizamos propondo que a clandestinidade e a *trans*-gressão, por meio do *trans*-linguajamento, são espaços não apenas subalternizados onde prevalece a submissão, mas caminhos possíveis para corrigir a assimetria das línguas e denunciar a colonialidade do poder e do saber.

---

<sup>22</sup> WALSH. “Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, re-existir y re-vivir”, 2013. Vale mencionar que grieta, rachadura em português, faz parte do termo gritos, grietas y siembras cunhado por Catherine Walsh. A autora faz uso desses vocábulos com o intento de expressar a ação insurgente, desobediente que, por meio dos gritos, isto é, da dor, possamos encontrar as rachaduras, as frestas pelas quais, então, semeemos um pensar diferente num mundo tão caótico.

<sup>23</sup> Real Academia Española.

## REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ANZALDÚA, Gloria. **Bordelands/La frontera: the new mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel I**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **Força de lei -o "fundamento místico da autoridade"**. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DIEGUES, Douglas et al. **"Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-en-Portunhol-Selvagem"**. O Globo. Rio de Janeiro, 2008.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GARCÍA MÁRQUÉZ, Gabriel. **Eu não vim fazer um discurso**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- \_\_\_\_\_, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Argentina: Ediciones del signo, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOLLOY, Sylvia. **Viver entre línguas**. Belo Horizonte: Relicário, 2018.
- NASCIMENTO, Fernanda. **Estudos culturais e estudos descoloniais: diálogos e rupturas na construção de uma pesquisa de recepção**. Disponível em: <7. 80. 10.11606/issn.2238-7714.no.2018.140941>. Último Acesso em 05 julho de 2023. Revista Novos Olhares, 2018.
- NOLASCO, Edgar C. **O Teorizador vira-lata**. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- PRIBERAM, **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/linguajar/>>. Acesso em: 05/07/2023.
- SALABERG, Jhonny. **Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã**. São Paulo – SP: CCSP Edições. 2018. Disponível em: Acesso em: 5 julho 2023.
- SILVA, Luã Armando de Oliveira Silva. **O entre-lugar dos linguajares latino-americanos em mim e em silviano santiago: billinguajando a crítica biográfica fronteiriça**. In: NOLASCO, Edgar César (org.). **Silviano Santiago: grafias-de-vida**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p.287-400
- TLOSTANOVA, Madina & MIGNOLO, Walter. **Learning to unlearn: decolonial reflections from eurásia and the Americas**. Columbus: The Ohio state university press, 2012.
- WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, re-existir y re-vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.